

# Receitas de caserna

*Secretário de Defesa americano sugere que as Forças Armadas brasileiras emagreçam e combatam o narcotráfico*

O secretário de Defesa dos Estados Unidos, Richard Cheney, 51 anos, ficou apenas 24 horas em Brasília na semana passada. Foi o que bastou para deixar os generais brasileiros incomodados. Homem de fala mansa, Cheney é um ex-parlamentar que se tornou conhecido dos brasileiros pelas entrevistas coletivas transmitidas pela rede de televisão americana CNN durante a Guerra do Golfo. Cheney usou na conversa de 25 minutos que teve na manhã de terça-feira com o presidente Fernando Collor a mesma fala mansa de suas aparições na televisão para falar dos avanços aliados no Iraque. No encontro, o secretário cometeu aquela que é considerada a maior gafe pelos diplomatas: a sinceridade. Disse a Collor que os Estados Unidos esperam do Brasil a redução de seu efetivo militar — cerca de 325 000 homens — e maior engajamento das Forças Armadas no combate ao tráfico de drogas.

Em vez de anunciar uma coisa e fazer outra, Cheney veio ao Brasil — num roteiro que incluiu Guatemala, Panamá, Argentina e Chile — com a missão oficial de divulgar a nova política militar americana com o fim da Guerra Fria. Na visão americana, o esfarinhamento da Guerra Fria e o fim da oposição entre os dois grandes blocos armados tornaram dispensável a manutenção de grandes efetivos militares entre as nações amigas dos americanos e inimigas do comunismo. A prioridade do governo americano na América Latina passou a ser o combate ao narcotráfico.

**RECADOS** — “Essa sempre foi a mensagem dos americanos e, se o secretário não a tivesse transmitido ao presidente, sua viagem teria sido inútil”, diz um assessor direto de Collor. Cheney abriu a conversa falando sobre o fim do comunismo para

concluir que a redução dos efetivos militares é a solução mais barata e racional para todos os países. O recado para que o Brasil acompanhasse o encolhimento militar foi bem claro. O secretário de Defesa dos Estados Unidos tocou também em outro ponto delicado, que é a utilização das Forças Armadas brasileiras em missões não expressamente previstas na Constituição. Ele lembrou que em seu país as Forças Armadas têm atuado no combate ao



Cheney com os ministros Sócrates e Tinoco: recados incômodos

narcotráfico e não haveria razões para que as brasileiras não fizessem o mesmo.

Os militares brasileiros relutam em colocar seus efetivos para realizar ações de polícia contra os traficantes de droga pelo temor de que a tropa seja desmoralizada. Há razões fortes entre os generais brasileiros para essa apreensão. O poder de fogo do tráfico e sua logística são hoje um escárnio para os efetivos militares da vizinha Colômbia, onde o Exército coleciona derrotas na selva. Em segundo lugar, há o fantasma de soldados e oficiais escalados para o combate às drogas sendo aliciados pelos traficantes. Um coronel envolvido com a máfia da cocaína seria mais demolidor para o Exército do que um batalhão inteiro de gurkhas inimigos.

Cheney esteve também com os três ministros militares e o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Antô-

nio Luiz Rocha Veneu, conhecido pelo apelido de “Veenneeu”, por ocupar dois apartamentos funcionais em Brasília. Nas conversas com os militares, Cheney também disse o que pretende. Lembrou que, nos Estados Unidos, as Forças Armadas combatem as drogas sob a coordenação da Polícia Federal americana.

**“CENTRAL DE GUARDA-COSTAS”** — Os generais brasileiros consideram uma composição desse tipo inadmissível no Brasil, já que as Forças Armadas estão num patamar hierárquico superior ao da PF. “A Constituição brasileira é bem clara. É a Polícia Federal que cuida disso”, disse Veneu. “Não estou aqui no negócio de dar conselhos a outros governos”, disse Cheney, numa deferência pública a seus interlocutores, durante entrevista coletiva concedida na quarta-feira. “Vim apenas para compartilhar e informar ao governo brasileiro sobre como estamos agindo e sobre nossa preocupação e disposição em cooperar.”

Ou a irritação do general Veneu é meramente retórica ou, o que é pior, ele está profundamente desinformado sobre o que ocorre no país em seu setor. Segundo o delegado Romeu Tuma, é grande a cooperação dos militares com a Polícia Federal quando o assunto é o tráfico de drogas. “Sem eles jamais poderíamos combater as drogas na floresta”, diz

Tuma. Quando despacha seus agentes para a Amazônia em missões antidrogas, Tuma utiliza barcos da Marinha, aloja-os em guarnições do Exército e os desloca em aviões cedidos pela Aeronáutica. É esse trabalho que Cheney quer ver intensificado. Até porque, de acordo com a Constituição, os militares não podem infiltrar-se em quadrilhas de traficantes de cocaína e tampouco conduzir inquérito sobre drogas, atribuições exclusivas da PF. Na versão de um assessor direto de Collor a implicância dos militares não é constitucional: “A Marinha não quer virar uma simples guarda-costeira, a Aeronáutica não quer ser um táxi aéreo e o Exército tem medo de se transformar numa central de guarda-costas”. Não são missões tão ruins assim. São tarefas que poderiam até treinar e enrijecer a tropa enquanto ela se prepara para uma guerra que nunca virá. ■